

Briga política entre governos federal e local leva HUB à UTI

Desde o dia nove de agosto de 1972, quando foi inaugurado, o Hospital Universitário Emílio Médici (HUB) funciona da mesma maneira: atendimento gratuito por formandos em medicina. Mas, com uma dívida milionária que cresce R\$ 200 mil por mês, o hospital vai mudar. Ameaça reduzir o número de consultas, fechar algumas unidades e firmar convênios para cobrar pelo atendimento.

A crise financeira é fruto de uma queda-de-braço política. Prestes a assumir a gestão dos recursos do Sistema Único de Saúde, até então distribuídos pelo ministério da Saúde, a secretária Maria José Maninha avisou que não vai repassar todos os recursos que o hospital pedir. Nem vai cobrir o rombo de R\$ 1,2 milhão. Todo o atendimento feito pelo hospital é pago pelo SUS.

“Nós temos limites para os conveniados. Não podemos usar todos os recursos que vêm do SUS para manter os conveniados. “A manutenção do HUB é de responsabilidade do governo federal”, explica Maninha.

O hospital vem recebendo por mês, desde outubro, o correspondente a 19 mil consultas, sete mil a menos do que é realizado de fato. A despesa mensal é de R\$ 1,2 milhão, mas só tem entrado R\$ 1 milhão. O HUB deve R\$ 1,2 milhão em contas de luz, água e encargos sociais e está sendo processado judicialmente pela Caesb.

O governo local quer que o HUB seja integrado à rede pública e se especialize em algumas áreas, como oncologia, dermatologia e neurocirurgia, abandonando o que já existe em outros hospitais públicos, como pediatria e ginecologia. Hoje o HUB é ligado à UnB em total autonomia administrativa e na gestão da saúde.

“Como é que nós vamos chegar para a população e dizer você, você e você nós não vamos atender? Onde está o compromisso social e histórico que nós temos com a população?”, rebate a vice-diretora do hospital, Glória Maria Andrade.

“O GDF tem responsabilidade histórica porque esse hospital atende à comunidade”, cobra. Mas a secretaria está irredutível. “Vamos ter que definir o que pagar daqui para frente”, adianta.

RESTRICÇÃO

A direção do hospital considera que “o compromisso fundamental do hospital é apoiar o ensino e a pesquisa”. Por isso, luta pela restrição do atendimento e a manutenção das mais de 40 especialidades. O hospital treina por semestre mais de 800 alunos da UnB, entre eles 60 médicos recém-formados e presta um atendimento considerado de excelência. Na última terça-feira, inúmeras pessoas dormiram mais de duas noites na fila para tentar marcar uma consulta.

Para não ter que reduzir ainda mais o número de atendimentos, o reitor da UnB, Lauro Moura, vai procurar o governador Cristovam Buarque e pedir socorro. Outra alternativa é fazer convênios de prestação de serviços.

O deputado Agnelo Queiroz (PC do B-DF) também é contra a restrição no atendimento do HUB. “Não podemos tratá-lo apenas como um hospital assistencial. Ele é um patrimônio do DF”, diz. Mas o alvo do parlamentar é a proibição de novas contratações, imposta pelo Ministério da Administração. Os funcionários são pagos pelo Ministério da Educação, mas só metade do quadro está preenchida.

“Eu entrei com representação no Ministério Públíco responsabilizando o ministro Bresser Pereira pela asfixia do hospital”, avisa. “Eles querem entregar tudo para uma associação social, para depois as pessoas terem que pagar”, denuncia Agnelo.

A crise do HUB não é uma novidade. Como os 48 hospitais universitários espalhados pelo país, o de Brasília vem sendo tratado a pão e água pelo governo federal. “Ano a ano as coisas estão piorando”, diz Cândida Kaniak, chefe da Divisão de Apoio ao Atendimento Multidisciplinar. Só para reformar as instalações, hoje precárias, seriam necessários R\$ 30 milhões.